



Nº 09

Setembro  
2021

## A “terceira via” de duas mãos



Terceira via é o nome dado à alternativa para uma polarização eleitoral que sempre existiu. As eleições presidenciais no Brasil têm se convertido, desde a redemocratização, em disputas mais acirradas entre dois polos, com algumas alternativas mais ou menos viáveis e, por vezes, surpreendentes correndo por fora. O conceito de Terceira Via é marcante nos anos 90 do último século, quando Giddens entendeu haver espaço em diferentes lugares do mundo para alternativa à bipartição política que aparentemente morrera com o fim da Guerra Fria e posicionava disputas eleitorais entre esquerda *versus* direita. Na realidade brasileira, por exemplo, Fernando Henrique foi a representação dessa terceira via. Assim, uma coisa é usar a teoria para explicar o fenômeno, a outra é utilizar o termo para marcar a possibilidade de uma alternativa terceira ao que se espera da realidade aparecer com chances na corrida eleitoral. Nesse caso, por exemplo, em 2010 e 2014, Marina Silva representou isso. E em 2018, enquanto algumas análises esperavam que PSDB e PT repetissem a histórica rivalidade, a “terceira via”, como alternativa a qualquer polarização esperada, prosperou. Isso escapa ao conceito mais teórico, mas fique à vontade para utilizar o nome que desejar, desde que explique seu sentido.

Em 2018, as principais candidaturas do que poderia se chamar de centro estavam divididas entre Marina Silva, Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles, Ciro Gomes e Álvaro Dias – todos buscavam polarizar com o PT. As pesquisas do começo de junho mostravam Bolsonaro com menos de 20% das intenções de voto, Fernando Haddad com menos de 5%, e esse quinteto destacado somando mais de 35 pontos. O que esperar? A aliança em torno do tucano Geraldo Alckmin lhe dava potencial

para se alavancar. As principais dúvidas eram sobre Ciro e Marina. Haddad subiria pelas vias de Lula, e Bolsonaro teria atingido seu teto. A tendência era perder espaço.

As análises políticas mais tradicionais olharam muito para variáveis institucionais formais e muitas ignoraram aspectos culturais, sociais e econômicos que explicam a ascensão de Bolsonaro. O petismo se fez presente, como esperado. Mas o centro derreteu. À ocasião, com ele, a polarização que vinha desde 1994 entre PSDB e PT. O antipetismo galopante e uma onda conservadora varreram o Brasil. Quando o atentado de Juiz de Fora ocorreu, em 06 de setembro, Bolsonaro já tinha cerca de 25% do eleitorado. O quanto aquilo consolidou sua vitória é difícil dizer, o quanto neutralizou estratégias e o colocou sob os holofotes é fácil. O então deputado federal dos arroubos radicais de simpatia à ditadura militar se consolidou como a alternativa ao conflito eleitoral existente. O que hoje se chama hoje, em 2021, de terceira via como alternativa ao conflito existente, terminou o primeiro turno de 2018 com cerca de 20% dos votos.

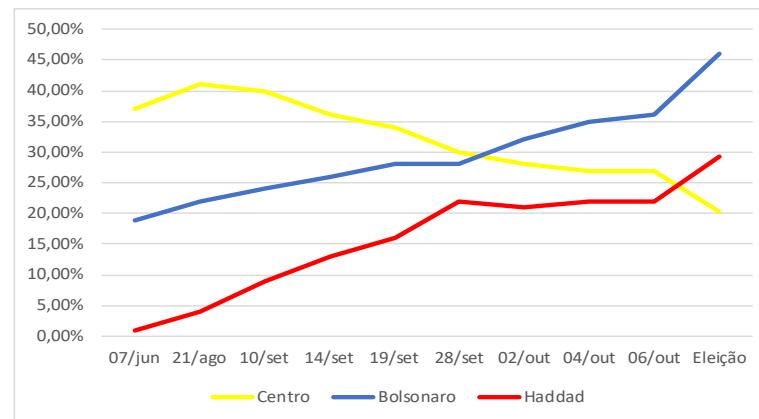
Desde então pouco foi feito para se chegar a um nome que pudesse, minimamente, sintetizar uma alternativa às disputas entre o bolsonarismo e a força do PT representada por Lula. As pesquisas que passaram a incluir o ex-presidente desde a sua saída da prisão o colocam na liderança diante de uma rejeição que ultrapassa os 50% do atual presidente. Mas Bolsonaro não deixa de ter um quarto do eleitorado consigo

*Humberto Dantas*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



– uma parte da sociedade que se mostra barulhenta e extremamente fiel, consumindo notícias em espaços virtuais blindados e customizados às ideias contrárias ao “comunismo”, e favoráveis a uma retórica que envolve Deus, a família tradicional e uma série de questões controversas à luz da ciência. As intenções de voto em Lula e Bolsonaro para 2022 flerta com os 70%, e colocar nessa cesta os indecisos e quem afirma que não votará em ninguém deixa fatia estreita para sonhadas alternativas.

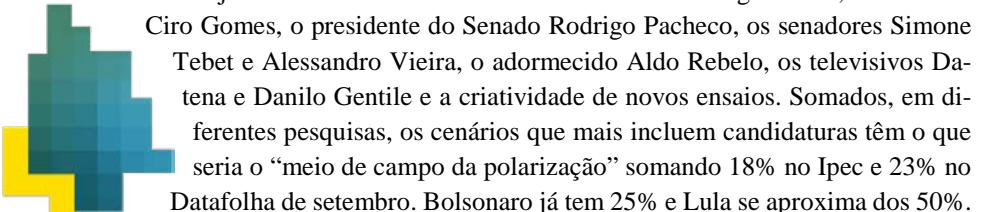


Fonte: Pesquisas de intenção de voto para presidente, Data Folha & Ibope, 2018. Tabulações próprias.



Sonhada por quem? Aqui está o ponto principal: o espaço existente em meados de 2018 não existe mais, e dificilmente existirá. O que havia àquela ocasião era, principalmente, um recall associado à imagem de Marina Silva, que no cenário sem Lula aparecia com 13% de acordo com o Ibope do final de junho do ano eleitoral. Bolsonaro já liderava, com 17%, e Haddad aparecia com 2 pontos. Onde está esse protagonismo para o pleito de 2022? Não existe. As duas vias principais atendem, hoje, pelos nomes de Bolsonaro e Lula. O desejo de alguns canais da mídia e de setores do mercado por uma opção a isso não existe de forma concreta. Primeiro porque não há empenho perene dos partidos. A exceção é a insistência de Ciro

Gomes em se manter pré-candidato desde o final de 2018, mas ainda assim seu nome não decolou. A opção estaria mais à centro-direita para algumas vozes agudas da política, mas tais posições não representam voto. E aqui vem o segundo ponto: justamente por não haver naturalidade nominal, o céu se pinta com uma quantidade assustadora de balões de ensaio absolutamente pouco atrativos ao eleitorado hoje. Um combalido PSDB, em conflito de anos, busca realizar prévias que não unificarão a legenda e seus dois governadores postulantes – João Dória (SP) e Eduardo Leite (RS). A partir de novembro, quando um deles for escolhido, o que ocorrerá? Uma conversão de lideranças a favor de um deles? Improvável. A esse cenário se juntam N atores: os ex-ministros Mandetta e Sergio Moro, o insistente



Ciro Gomes, o presidente do Senado Rodrigo Pacheco, os senadores Simone Tebet e Alessandro Vieira, o adormecido Aldo Rebelo, os televisivos Danten e Danilo Gentile e a criatividade de novos ensaios. Somados, em diferentes pesquisas, os cenários que mais incluem candidaturas têm o que seria o “meio de campo da polarização” somando 18% no Ipec e 23% no Datafolha de setembro. Bolsonaro já tem 25% e Lula se aproxima dos 50%.

Dá para esperar algo? Claro que sim, pois temos quase um ano de um fenômeno dinâmico. Mas hoje a tal “terceira via” ou a candidatura alternativa forte é uma fantasia inexistente, amorfia e absolutamente indefinida. À esquerda, o cenário mostra que os dois nomes são os de Lula, quase garantido no segundo turno, e o de Ciro Gomes – que não faz sentido viável quando Lula está no jogo. À direita, Bolsonaro e o quarto de eleitores da fidelidade. O que resta? A construção. Se em 2018 a via estava pavimentada e se esfacelou, em 2022 ela terá que ser construída. Dá tempo? A mão de ida se tornou intrafegável faz quatro anos atrás, e a mão de volta?

*As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.*